

Trajetórias de vida e morte de escravos-mineiros (Mariana/MG: 1795-1819)

Life and death trajectories of enslaved miners
(Mariana/MG: 1795-1819)

Rafael de Freitas e Souza*

Resumo: O escopo deste artigo é resgatar informações relacionadas à vida dos escravos que trabalharam na Mina da Passagem localizada na cidade de Mariana. Para tal, utilizou-se como fonte o registro contábil da referida mina no qual constam as despesas efetuadas com a manutenção da escravaria (peças de vestuário, medicamentos, pagamentos a médicos, compra de mortalhas, dentre outras). Relacionando esses dados com outras fontes coevas, foi possível reconstruir as breves trajetórias de vidas desses homens e elucidar as consequências da dura rotina de trabalho à qual estavam submetidos.

Palavras-chave: Minas Gerais; mineração; escravidão.

Abstract: The scope of this article is to retrieve information related to the lives of the slaves who worked at Mina da Passagem, located in the city of Mariana. To achieve this, the accounting records of the mentioned mine were used as a source, which include expenses related to the maintenance of the enslaved population (clothing, medicines, payments to doctors, purchase of burial shrouds, among other). By correlating this data with other contemporary sources, it was possible to reconstruct the brief life trajectories of these individuals and shed light on the consequences of the harsh work routine to which they were subjected.

Keywords: Minas Gerais; Mining; Slavery.

* Doutor em História Social (USP). Professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas. Autor de *O Tiradentes leitor* (2008), *O ouro gosta de sangue* (2015) e *Ouro, escravos e contas* (2015). E-mail: rf.souza49rp@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4028-9577>.

Introdução

O GRANDE ENSINAMENTO metodológico legado por Carlo Ginzburg¹ aos historiadores contido no ensaio *Sinais: raízes de um paradigma indiciário* é que a escrita da história muitas vezes precisa ser feita recolhendo “pistas” deixadas ao longo da estrada. Quando essas desprendem-se da vida de homens e mulheres escravizados, os desafios de recolhê-las e uni-las num enredo compreensível avolumam-se, pois elas são escassas ou estão ocultas e dispersas em diferentes fontes documentais e, às vezes, em arquivos históricos diversos. Algumas fornecem poucas informações, enquanto outras são mais generosas. Muitas vezes é preciso contar com a sorte e a intuição para que a ligação nominativa de fontes possa acrescentar novos dados àquela que deu origem à pesquisa.

Pirola percebeu que o principal óbice para que o historiador possa redigir biografias de escravizados é a carência de fontes contínuas “que nos permitam acompanhar suas trajetórias por vários anos seguidos”, pois “os documentos que nos foram legados sobre a escravidão geralmente revelam momentos específicos das vidas dos cativos”.² Foi esta a dificuldade com a qual nos deparamos ao tentar escrever sobre a trajetória de vida dos escravos-mineiros em Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX. Tal como ele e outros pesquisadores, deparamo-nos, inicialmente, apenas com um documento principal.

A dimensão e profundidade do resgate histórico dessas vidas dispersas e de seu universo relacional dependem, diretamente, da riqueza das fontes localizadas pelos pesquisadores. Afinal, raramente é possível encontrar processos inquisitoriais fecundos como o de Rosa Egipcíaca que, nas mãos de Luiz Mott,³ fundamentou uma obra monumental para a história do Brasil. *Mutatis mutandis*, o mesmo pode ser dito sobre o clássico e pioneiro *O queijo e os vermes* de Carlo Ginzburg.⁴

Nesta pesquisa, o desafio maior residiu na utilização de fontes que não têm a riqueza de dados tal como aqueles encontrados em censos populacionais, processos criminais, testamentos, inventários, registros de casamentos, autobiografias, ações de liberdade, processos judiciais ou inquisitoriais e outros.

Metodologicamente, é possível dizer que foram recolhidos vestígios e sinais esparsos da vida dos escravos que desempenhavam a atividade econômica mais importante, perigosa e insalubre em Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX, a mineração. Homens escravizados que tiveram suas histórias fragmentadas e soterradas pela poeira

1 GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Trad. de Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

2 PIROLA, R. F. Desafios e estratégias na construção de biografias de escravos: o caso dos rebeldes envolvidos no plano de insurreição de Campinas (1832). **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, v. 23, n. 1, p. 5-14, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645787>. Acesso em: 8 maio 2023.

3 MOTT, Luiz. **Rosa Egipcíaca: uma santa africana no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

4 GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Tradução de Maria Betânia Amoroso; tradução dos poemas por José Paulo Paes; revisão técnica de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

do esquecimento tal e qual milhões de outros sobre os quais não restou nada ou quase nenhuma informação. Não estamos, portanto, no campo da biografia, mas da reconstituição de trajetórias de vida.

João José Reis demonstrou que as histórias pessoais “além de relevantes em sua singularidade, servem para melhor perceber experiências coletivas e iluminar contextos e processos históricos mais amplos e complexos”.⁵ Antes dele, Giovanni Levi afirmou que “fatos insignificantes e casos individuais podem servir para revelar um fenômeno mais geral”.⁶

Os “fatos insignificantes” que constam na principal fonte utilizada, a *Conta do Rendimento da Lavra da Passagem*; ou seja, as despesas efetuadas com a manutenção da mina e da escravaria pertencente a um sacerdote da Mariana setecentista foram capazes de revelar as “experiências coletivas” desses trabalhadores. Iluminaram o complexo processo histórico da escravidão em Minas Gerais.

Evidentemente, tais experiências estão relacionadas à sua condição de cativos. Se a *Conta do Rendimento* fala sobre a saúde financeira da mina, discorre também, mesmo que indiretamente, sobre a rotina dos escravos-mineiros. Revela, por exemplo, o tipo de vestuário de trabalho usado por eles, os principais alimentos que ingeriam, as doenças que contraíam e as respectivas formas de tratamento e medicamentos empregados, diz os nomes daqueles que fugiram e os valores pagos aos capitães do mato pelas recapturas, mostra a faixa etária de cada um dos escravos da lavra e suas nações de origem; dentre muitas outras informações relevantes para a história social do trabalho.

Conhecer o registro contábil de uma lavra aurífera sob essa perspectiva é conhecer a engrenagem do sistema escravista na mineração; é vê-lo por dentro. É saber tudo o que era necessário adquirir e por quais serviços pagar diariamente para que os escravizados continuassem fazendo-a funcionar e torná-la um empreendimento lucrativo.

Segundo Ângela Porto,⁷ alguns mitos ainda persistem na história da escravidão no Brasil. Um deles é a crença que houve “negligência absoluta dos senhores para com a saúde dos seus cativos”. A frequente aquisição de alimentos tonificantes, de remédios, assim como os tratamentos dispensados e os recursos adotados para cuidar da saúde dos cativos presente na *Conta* ao longo de todo o período contribui, portanto, para refutar esse mito.

Márcia Ribeiro argumentou que a arte médica do final do século XVIII e primórdios do XIX mostrava-se “mais distante dos sistemas mágico-religiosos”.⁸ Não obstante, muitos traços arcaicos ainda permaneciam vivos, pois esses campos ainda não tinham se apartado

5 REIS, João José. **Domingos Sodré** – um sacerdote africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 316.

6 LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**. São Paulo: Editora da USP, 1992. p. 158.

7 PORTO, Ângela. O sistema de saúde do escravo no Brasil do século XIX: doenças, instituições e práticas terapêuticas. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 2010, out.-dez. 2006.

8 RIBEIRO, Márcia Moisés. **A ciência dos trópicos**: a arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo: Editora Hucitec, 1997. p. 18.

em definitivo. Na *Conta* não houve, por exemplo, a aquisição de nenhum remédio extraído de partes do corpo de espécimes da fauna, todos eram provenientes da flora medicinal brasileira. Foram comprados pouquíssimos produtos químicos, tais como nitro ou sal de nitro, tártaro emético, álcool volátil, sal e cremor tártaro.

Os cirurgiões como Luís Gomes Ferreira⁹ e José Antônio Mendes¹⁰ e o médico Joseph François Xavier Sigaud¹¹ que discorreram sobre a saúde dos escravos ocupados na mineração são unânimes ao estabelecer a direta relação existente entre condições de trabalho, alimentação e enfermidades. Betânia Figueiredo (2002) concluiu, a partir dos relatos dos viajantes que percorreram Minas Gerais no século XIX, que “as doenças que acometiam os escravos relacionavam-se em grande parte com as condições de trabalho e com os hábitos alimentares (ou disponibilidade de alimentos)”.¹² Iraci del Nero da Costa (2009) demonstrou estatisticamente quais foram as principais doenças que ceifaram a vida dos escravos entre 1799 e 1801 na freguesia de Nossa Senhora de Antônio Dias, situada em Vila Rica. As doenças com presença marcante entre os escravos e forros foram: febre recorrente, tuberculose pulmonar, pneumonia, hidropsia e gangrena.¹³

Mas, a análise da elevada taxa de mortalidade dos africanos introduzidos em Minas Gerais como escravos precisa considerar, como o fez Roberto Borges Martins, que “mesmo sendo titulares de um razoável rol de imunidades, entravam em um ambiente estranho ao pisarem o solo da América. Embora mais resistentes que os ameríndios e do que os brancos, aqui encontravam doenças contra as quais não tinham proteção”.¹⁴ Entre as deficiências imunológicas dos africanos ele destaca “as infecções pulmonares, como tuberculose, pneumonia bacteriana e coqueluche [...] tétano e lepra [...] cujas lesões eram às vezes confundidas com as da boubá”.¹⁵

Por essas razões, Eschwege acreditava que faleciam sete mil escravos na província de Minas Gerais por ano (totalizando 19 óbitos ao dia).¹⁶ Por sua vez, Maria Odila¹⁷

9 FERREIRA, Luís Gomes. **Erário mineral**. Organização de Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002.

10 MENDES, José Antônio. **Governos de mineiros**: mui necessário para os que vivem distantes de professores seis, oito dez e mais léguas, padecendo por esta causa os seus domésticos e escravos queixas, que pela dilação dos remédios se fazem incuráveis, e as mais das vezes mortais. Organização, estudo crítico e notas de Carlos A. L. Filgueiras. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais; Arquivo Público Mineiro, 2012.

11 SIGAUD, Joseph François Xavier. **Du climat et des maladies du Brésil ou statique médicale de cet empire**. Paris: Chez Fortin, Masson et Cie. Libraires, 1844.

12 FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. **A arte de curar**: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002. p. 97.

13 COSTA, Iraci del Nero. Análise da morbidade nas Gerais (Vila Rica, 1799-1801). In: LUNA, Francisco Vidal; COSTA, Iraci del Nero & KLEIN, Herbert S (org.). **Escravidão em São Paulo e Minas Gerais**. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. p. 250.

14 MARTINS, Roberto Borges. Gripes, micróbios e lombrigas: nota sobre a primeira globalização da era moderna. In: ALMICO, Rita de Cássia da Silva; GOODWIN JÚNIOR, James William; SARAIVA, Luiz Fernando (org.). **Na saúde e na doença**: história, crises e epidemias – reflexões da história econômica na época da covid-19. 1ª ed. São Paulo: Hucitec, 2020. p. 81s.

15 Ibidem, p. 82.

16 ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. **Pluto brasiliensis**. Prefácio de Mário G. Ferri. Trad. de Domício de F. Murta. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1979. v. 2, p. 365.

17 DIAS, Maria Odila da Silva. Nos sertões do rio das Velhas e das Gerais: vida social numa frente de povoamento, 1710-1733. In: FERREIRA, Luís Gomes. **Erário mineral**. Organização de Júnia F. Furtado. Belo Horizonte:

estimou entre sete e doze anos de trabalho o tempo de vida útil dos escravos-mineiros.¹⁸ As informações extraídas da *Conta* auxiliam a melhor entender as razões destes dados.

A conta do rendimento da Lavra da Passagem¹⁹

A CIDADE DE MARIANA notabilizou-se por cumular importantes pioneirismos nos campos da política, da religião e da administração pública em Minas Gerais no século XVIII: foi a primeira vila, teve a primeira Câmara de vereadores, foi a primeira capital, tornou-se a primeira cidade (inclusive, a primeira a ser planejada) e sediou o primeiro bispado de Minas.

Além disso, foi um dos mais importantes centros mineradores do Brasil no século XVIII. Por todo o seu extenso território, milhares de homens aventuraram-se à procura do reluzente metal nos ribeirões, nas encostas dos rios e nas lavras subterrâneas. Para isso, recorreram à exploração da força de trabalho indígena e de africanos escravizados.

Dentre seus muitos distritos, aquele denominado Passagem destaca-se por abrigar “a mina de exploração regular mais antiga do país”,²⁰ que funcionou quase ininterruptamente até o século XX. A Mina da Passagem, como se tornou conhecida, pertenceu primeiramente a Antônio Luiz Brandão; em seguida, foi adquirida por José Botelho Borges, cônego de origem portuguesa. Borges faleceu no dia 15 de agosto de 1795 e teve seus bens inventariados no dia 2 de setembro do mesmo ano pelo sargento-mor José da Costa Ferrão. Em seu inventário encontram-se duas listagens nominais de escravos que trabalharam na mina: a primeira data de 1795 e a segunda é de 1819, quando passou a pertencer ao barão de Eschwege.

Em seu testamento, redigido no dia 12 de abril de 1788,²¹ consta apenas um documento de inestimável valor para a história da mineração, a *Conta do Rendimento da Lavra da Testamentaria do Reverendo Cônego José Botelho Borges*.²² Fonte histórica *sui generis*, pode ser considerada um dos mais ricos e detalhados registros contábeis que se tem conhecimento de uma lavra aurífera de Minas Gerais. Composto por 88 folhas anotadas frente e verso, totaliza 176 páginas. O primeiro lançamento data de 13 de setembro de 1795 e o último encerra-se no dia 28 de fevereiro de 1817; ou seja, abarca 21 anos, 5 meses e 15

Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002. 2 vols., p. 80.

18 Documento produzido pelos oficiais da Câmara de Ribeirão do Carmo em 1744 informa ao rei que a produtividade dos escravos reduzia-se após dez anos de serviços. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, ano II, fasc. 2º, p. 289s, abr.-jun. 1897.

19 Documento originalmente publicado por SOUZA, Rafael de Freitas; CARRARA, Ângelo Alves (org.). **Ouro, escravos e contas**: a Mina da Passagem nos séculos XVIII e XIX – transcrição e estudo histórico. Juiz de Fora: Clio Edições, 2015. Disponível em: <https://vdocuments.mx/ouro-escravos-e-contas.html?page=1>.

20 SOUZA, Tânia Maria Ferreira de. **Onde o sol nunca brilha**: uma história dos investimentos britânicos e da mudança tecnológica na mineração aurífera de Minas Gerais no século XIX. 2002. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. p. 145.

21 IPHAN/Arquivo Histórico da Casa Setecentista de Mariana. Testamentos. Cartório de 1º Ofício, código 267, auto 4856 (fol. 104 e segs.). Seu inventário localiza-se no Cartório de 1º Ofício, código 14, auto 453.

22 Doravante, será denominada apenas como “*Conta*”.

dias apontados diariamente, mês a mês e ano após ano, todas as receitas e as despesas feitas para manter a lavra em funcionamento.

Esses registros da movimentação financeira da mina ocorreram quando ela esteve, provavelmente, sob o controle do inventariante José da Costa Ferrão e de seu herdeiro Pedro Dias Carvalho, que receberam todos os bens situados no arraial da Passagem no dia 6 de maio de 1817, por intermédio de seu procurador capitão Lucindo Pereira dos Passos.²³ Aos três dias do mês de fevereiro de 1819 os louvados avaliaram os bens de herança do finado José Botelho Borges. Dentre outras posses constavam a lavra, terras minerais, engenhos de socar pedra, casas de vivenda e capela. Tudo foi “visto e avaliado na quantia de dois contos e quatrocentos mil réis.²⁴ No dia 12 do mês seguinte, o barão de Eschwege arrematou-a por cinco contos, incluindo os escravos.²⁵ Em seguida, fundou a Sociedade Mineralógica de Passagem, a primeira empresa mineradora do Brasil, com capital inicial de £1.900.

A *Conta* interessa sobremaneira a diversos campos da história, pois nela é possível encontrar dados quantitativos e qualitativos de todas as despesas efetuadas para manter a mina funcionando e para a manutenção dos escravos que estão na primeira lista nominal de 1795: alimentos, vestuários, remédios, pagamentos a cirurgiões e médicos pelos atendimentos prestados aos enfermos, pagamento de tomadias, compra de mortalhas, ferramentas de trabalho, dentre outros.

As duas listas anteriormente citadas foram fundidas num único quadro para facilitar as análises, conforme pode ser visto abaixo.

23 IPHAN/Arquivo Histórico da Casa Setecentista de Mariana. Inventário. 1º Ofício, código 14, auto 453 (1795), fol. 58v.

24 IPHAN/Arquivo Histórico da Casa Setecentista de Mariana. Inventário. 1º Ofício, código 14, auto 453 (1795), fol. 76.

25 IPHAN/Arquivo Histórico da Casa Setecentista de Mariana. Inventário. 1º Ofício, código 14, auto 453 (1795), fol. 87ss.

Quadro 1 - Escravidão da Mina da Passagem (1795 e 1819)

Lista de 1795*				Lista de 1819**			
Nomes	Idade	Observações	Avaliações	Nomes	Idade	Observações	Avaliações
Agostinho Mina	55 anos	“quebrado de ambas as virilhas”	30\$000	Antônio Congo	50 anos		100\$000
Ambrosio Mina	55 anos	“com falta de hum olho”	50\$000	Antônio Banguela	46 anos		100\$000
André Congo	40 anos	“doente de morfêa”	0	Antônio Mofumbe	50 anos		100\$000
Anna Angola	25 anos		80\$000	Benedito Angola	48 anos		120\$000
Antônio Angola	30 anos		125\$000	Caetano Angola	60 anos		100\$000
Antônio Angola	30 anos		110\$000	Christovão Angola	52 anos	“com erezipela nas pernas”	60\$000
Antônio Banguela	50 anos		45\$000	Domingos Crioulo	35 anos		150\$000
Antônio Catito Angola	30 anos		110\$000	Domingos Mina	50 anos	“quebrado”	60\$000
Bartolomeu Mina	60 anos		25\$000	Francisco Angola	70 anos		40\$000
Benedito Angola	22 anos		120\$000	João Angola	58 anos	“quebrado”	80\$000
Bento Mina	60 anos		40\$000	João Rebollo	48 anos		100\$000
Caetano Angola	30 anos		110\$000	Joaquim Angola	46 anos		100\$000
Christovão Angola	35 anos		95\$000	Joaquim Angola	64 anos	“doente de hum joelho”	30\$000
Domingos Mina	70 anos		10\$000	Luduvinho Angola	18 anos		150\$000
Elias Mina	60 anos	“calhabola”	25\$000	Manoel Angola	44 anos		110\$000
Francisco Banguela	32 anos		110\$000	Manoel ferreiro	53 anos		140\$000
Francisco Mendes Angola	70 anos		15\$000	Martinho Crioulo	32 anos		140\$000
Jacinto Angola	25 anos		120\$000	Narcizo Crioulo	37 anos		150\$000
João Angola	25 anos		125\$000	Pedro Angola	40 anos		120\$000
João Angola	40 anos		125\$000	Rafael Angola	50 anos		80\$000
João Banguela	60 anos		40\$000	Sebastião Angola	50 anos	“quebrado”	60\$000
João Crioulo	10 anos		65\$000	Sebastião Angola	40 anos	“doente”	80\$000
João Mendes Nagô	55 anos		115\$000	Theodozio Crioulo	60 anos		60\$000
João Rebolo	30 anos	“calhabola”	100\$000	Vicente Crioulo	60 anos	“com aleijão no braço esquerdo”	30\$000
Joaquim Bamba	35 anos		110\$000				
Joaquim Banguela	20 anos		100\$000				
Manoel Angola	30 anos		120\$000				
Manoel Angola	35 anos		100\$000				
Manoel Crioulo	35 anos		40\$000				
Manoel Mina	Nc	“que também se acha fugido”	0				
Matheus Angola	50 anos		12\$000				
Matheus Angola	Nc	“que se acha fugido”	0				
Paulo Angola	40 anos		100\$000				
Pedro Banguela	20 anos		125\$000				
Rafael Angola	25 anos		120\$000				
Sebastião Angola	30 anos		120\$000				
Vicente Crioulo	40 anos	“aleijado de hum braço”	40\$000				

Fontes: * Escravidão do reverendo chantre José Botelho Borges (1795). IPHAN/Arquivo Histórico da Casa Setecentista de Mariana. Inventário. Cartório de 1º Ofício, código 14, auto 453 (1795).

** Escravidão da Mina da Passagem (3 de fevereiro de 1819). IPHAN/Arquivo Histórico da Casa Setecentista de Mariana. Inventário. 1º Ofício, código 14, auto n. 453 (1795), p. 74ss.

A lista de 1795 mostra que a força de trabalho da Mina da Passagem era formada por 37 escravos (35 homens adultos, um menino de 10 anos e apenas uma mulher). Os fatores que explicam essa quase exclusividade masculina e que esses encontravam-se na faixa etária de 21-30 anos e na subsequente de 31-40 anos são: primeiro, o maior vigor físico necessário para suportar as adversas condições de trabalho na extração do ouro subterrâneo, como a abertura das galerias, o transporte das rochas fragmentadas, a trituração desses fragmentos com o malho, as oscilações de temperatura entre a superfície e o subsolo, a exposição à umidade e os castigos físicos; em segundo lugar, a experiência adquirida no desempenho das tarefas; salvo, evidentemente, no caso dos boçais. A distribuição por faixa etária era a seguinte:

Tabela 1 – Faixas etárias dos escravos da Mina da Passagem: 1795 e 1819

Faixas etárias	Quantidade de escravos	
	Lista de 1795	Lista de 1819
0-10	1	0
11-20	2	1
21-30	12	0
31-40	9	4
41-50	2	11
51-60	7	6
+ de 60	2	2
Não consta	2	0
Total	37	24

Fonte: elaboração própria.

A lista de 1819, onde observa-se a ausência de escravos na faixa etária de 21 a 30 e a redução de 55,6% na faixa subsequente, é uma demonstração inequívoca da alta periculosidade e insalubridade do trabalho na mineração, que ceifava a vida principalmente dos escravos mais robustos que exerciam as tarefas mais árduas e mais expostos às doenças ocupacionais e aos acidentes de trabalho.²⁶ A alta taxa de mortalidade é uma das características principais do trabalho na mineração ao longo dos séculos em todas as partes do mundo.

O perfil racial da escravaria adequa-se mais ao padrão dos plantéis de escravos de Minas Gerais do início que ao final do século XVIII;²⁷ ou seja, 23 escravos “de nações” e apenas três crioulos. Os dois “calhobolas” eram de nação (um Mina e um Rebolo), assim como os dois que se achavam fugidos (um Mina e um Angola). Relativo às nações, observa-se o predomínio daquelas pertencentes ao grande grupo Banto (Angola, Benguela, Rebolo, Bamba e Congo) frente aos sudaneses (Mina e Nagô).

26 Há apenas um registro que faz alusão direta a um acidente ocorrido na mina na primeira década do século XIX. Mais precisamente, no dia 4 de janeiro de 1806, adquiriu-se: “½ medida de vinagre para os pretos em que caiu a terra”.

27 LUNA, Francisco Vidal; COSTA, Iraci del Nero. Algumas características do contingente de cativos em Minas Gerais. In: LUNA, Francisco Vidal; COSTA, Iraci del Nero. KLEIN, Herbert S. (org.). **Escravidão em São Paulo e Minas Gerais**. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. p. 17-32.

Tabela 2 – Origens dos escravos da Lavra da Passagem – 1795

Origens	Quantidade
Angola	18
Mina	7
Banguela	5
Bamba	1
Congo	1
Nagô	1
Rebolo	1
Crioulo	3
Total	37

Fonte: elaboração própria.

Quanto às condições de saúde dos escravos, nota-se que, em 1795, quatro dentre os 37 apresentavam enfermidades/lesões. Excluindo-se os dois que se achavam fugidos, esse número totaliza 11,4% de escravos enfermos/lesionados no plantel. Na lista de 1819, o percentual subiu para 29,1%, pois aumentou para sete o número enfermos/lesionados e diminuiu para 24 o número total de escravos da lavra.

Tabela 3 – Taxa de enfermidade/lesão dos escravos da Mina da Passagem 1795 e 1819

Listas	Número de escravos	Enfermos/ Lesionados	%
1795	35*	4	11,4
1819	24	7	29,1

Fonte: elaboração própria.

* Excluídos os dois escravos que se encontravam fugidos.

Os apontamentos da *Conta* indicam o falecimento de 11 dos 36 escravos que constam na lista de 1795, atingindo, portanto, o percentual de 30,5% de taxa de óbitos. Vale ressaltar que todos os escravos de origem mina do plantel faleceram. Justamente eles que eram considerados os mais robustos dentre as nações africanas que foram escravizadas e usadas nos serviços de mineração em Minas Gerais. Provavelmente, devido a essa fama, eram expostos a condições de trabalho mais adversas.

Entre 1795 e 1817, à medida que ocorria a redução do plantel, foram comprados novos escravos. Nesse intervalo, foram adquiridas 26 mortalhas, totalizando aproximadamente 1,23 óbito de escravo por ano. Todos do sexo masculino. O número de mortalhas ultrapassa o de mortos da lista de 1795 justamente porque foram compradas mais delas para amortilhar também os escravos adquiridos depois de 1795 e que vieram a óbito.

Entre os males que afligiam os escravos da mina, nota-se o predomínio da lesão denominada “quebrado”. Foram quatro casos: um na lista de 1795 e três na de 1819.

O termo quebrado, origina-se de quebradura que, segundo Chernoviz era “a sahida do intestino ou da membrana chamada epiploon, atravez das aberturas naturaes ou accidentaes das paredes do ventre”.²⁸ Em outras palavras, significava que a pessoa tinha algum tipo de hérnia, que podia ser, de acordo com o mesmo autor, inguinal, escrotal, crural e umbilical – dependendo da região onde se manifestava. Era comum ocorrer em “todas as profissões que exigem grandes esforços” que “augmentão a força que fazem as vísceras contra as paredes da cavidade abdominal”.²⁹ Dentre as profissões, “Os pedreiros, os homens que carregão grandes pesos, são mais freqüentemente affectados”.³⁰ No caso dos mineiros, uma das principais causas dessa lesão é o esforço físico excessivo e contínuo usado para levantar e/ou transportar objetos pesados.

Em sua obra *Pluto brasiliensis*, o próprio Eschwege informa que a penosa e contínua tarefa dos escravos carregarem os carumbés (cuja capacidade de carga variava de 14 a 18 kg) cheios de cascalhos sobre a cabeça trazia prejuízos à saúde:

Não se poderá deixar de considerar, entretanto, a saúde dos negros, seriamente abalada pelo grande esforço a dispender no levantar a carga, colocá-la sobre a cabeça e correr em seguida até os lavadouros. Basta lembrar que esse esforço é causa das **hérnias** e pneumonias, tão frequentes entre eles, que por esse motivo raramente atingem idade avançada.³¹ (Grifo nosso).

O uso da funda,³² a aplicação de cataplasmas e o repouso eram os tratamentos indicados para a cura das hérnias. Fica esclarecida, portanto, a razão da compra das fundas que constam na *Conta*. As hérnias inguinais eram as mais comuns e quando ocorriam com estrangulamento do intestino podiam levar ao óbito.

28 CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Dicionário de medicina popular e das ciências acessórias para o uso das famílias**. 5ª ed. 2 vols. Paris: Ed. do Autor. 1878. v. 2, p. 796.

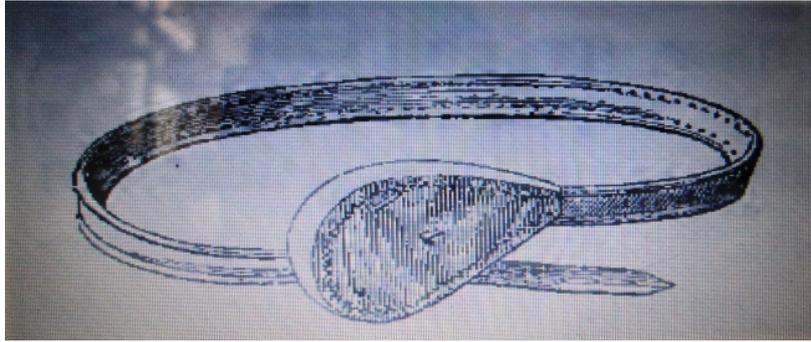
29 Ibidem, p. 796.

30 Ibidem, p. 797.

31 ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. **Pluto brasiliensis**. 2 vols. Prefácio de Mário Guimarães Ferri. Tradução de Domício de Figueiredo Murta. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1979. v. 2, p. 128.

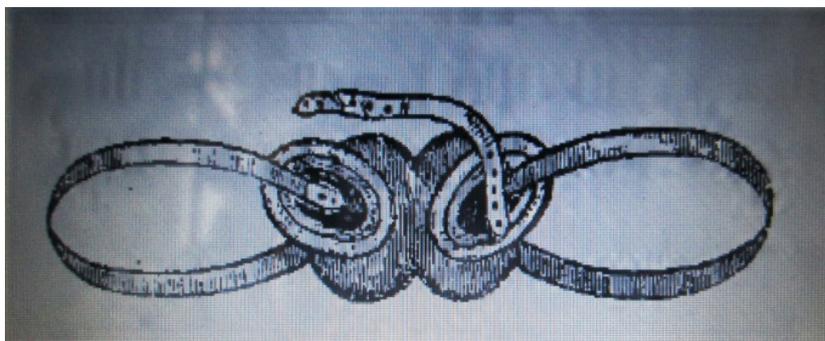
32 O dicionarista Dr. Frei Domingos Vieira apresenta a seguinte definição sobre a funda: “botão com correias ou molas, o qual se applica e aperta contra as rupturas, ou quebraduras, para não sair por ella o intestino etc. As fundas são elásticas ou não elásticas”. Cf. VIEIRA, Dr. Frei Domingos. **Grande dicionário português ou tesouro da língua portuguesa**. 4 vols. Porto: Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1871. v. 3, p. 794.

Figura 1 – Funda francesa para a hérnia inguinal simples



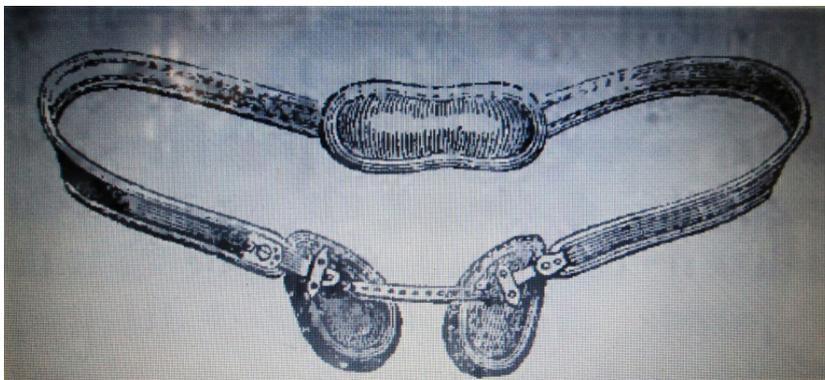
Fonte: Chernoviz, op. cit., v. 1, p. 1212.

Figura 2 – Funda inglesa para as duas hérnias inguinais



Fonte: Chernoviz, op. cit., v. 1, p. 1214.

Figura 3 – Funda francesa para as duas virilhas, com molas separadas



Fonte: Chernoviz, op. cit., v. 1, p. 1213.

Trajatórias de vida e morte

AS SAÍDAS REGISTRADAS na *Conta* podem ser divididas em quatro categorias principais: as compras de itens indispensáveis ao funcionamento da mina, tais como: azeite para as candeias, bateias, pregos, pólvora, couros de boi, baetas, dentre outras; os pagamentos feitos pelos serviços prestados por feitores, sacerdotes, ferreiros, carpinteiros que reparavam os equipamentos, médicos e cirurgiões que atendiam aos enfermos e as tomadias pagas aos

capitães do mato; em terceiro são as despesas efetuadas com a manutenção da escravaria, dentre as quais podemos citar a aquisição de vestuários de trabalho, de alimentos, de medicamentos, de mantas, dentre outras; por fim, a compra de novos escravos.

As compras e pagamentos referentes às três primeiras categorias citadas acima relacionadas aos escravos da lista de 1795 serviram de suporte para a reconstrução da trajetória parcial de suas vidas enquanto trabalhavam na Mina da Passagem. Para alguns, entretanto, isso não foi possível haja vista que não há apontamentos sobre todos. A tarefa consistiu, portanto, em localizar a maior quantidade possível de informações sobre cada um deles para conhecer mais a fundo aspectos cruciais do cotidiano dos cativos ocupados na lide minerária que nenhum outro documento é capaz de fornecer. Vejamos caso a caso:

O primeiro escravo da lista de 1795 chamava-se Agostinho Mina. Aos 55 anos e por ser “quebrado de ambas as virilhas foi avaliado em apenas 30 mil réis. No dia 2 de dezembro de 1795 foi adquirida aguardente para tratar de sua ferida. Sabe-se que essa enfermidade foi tratada principalmente com aguardente (oito porções) e ele recebeu como “ajudas” três galinhas, ovos, açúcar, farinha e três porções de carne. Apesar desse cuidado, ele faleceu no dia 9 de setembro de 1808, aos 68 anos.³³

Conforme demonstrado acima, Agostinho sofria de hérnia inguinal, uma das formas mais frequentes. Chernoviz assim a define: “Dá-se o nome de quebradura inguinal à deslocação do intestino ou do epiploon através do canal inguinal [...] Quando é completa, no homem, desce até ao escroto.”³⁴

A falta de um olho em Ambrósio Mina fez seu valor atingir apenas 50 mil réis em 1795, aos 55 anos. Não obstante, a compra de um jaleco para ele no dia 15 de novembro daquele ano indica que ele ainda trabalhava na mina, possivelmente porque a falta de um olho não causasse incapacidade absoluta para o trabalho. Seis anos depois, em 1801, ele caiu enfermo e faleceu no intervalo de apenas dois meses. Seu tratamento iniciou-se em 25 de agosto com “1 quarta de vinho”; nos dias seguintes ministraram-lhe farinha, “1 garrafa com remédio” não especificado, “1 onça de almecega” e “1 galinha”, e ingeriu carne pela última vez no dia 28 de setembro. Sua mortalha foi paga no dia 6 de outubro do mesmo ano.

De acordo com Nicoláo Joaquim Moreira, a resina da almecega era comumente empregada na forma de emplastos no tratamento de “affecções thoraxicas”.³⁵ Podia ser usada também para suspender o vômito. Sabe-se que doenças pulmonares atingiam especialmente os escravos que trabalhavam na mineração.

33 Adotou-se como data aproximada do óbito dos escravos o dia do pagamento efetuado com a compra de suas mortalhas. Em todos os casos, o intervalo existente entre o último lançamento na *Conta* referente a cada um dos escravos que faleceram e a compra da mortalha é relativamente pequeno, podendo ocorrer no mesmo dia, um dia, dois dias, oito dias, doze dias, 26 dias, 34 dias ou três meses depois, salvo o de Agostinho Mina que foi, excepcionalmente, de dois anos. Além disso, não há nenhum outro lançamento referente aos mortos após a data da compra da mortalha, exceto a compra de uma vela para o enterro de João Novo, ocorrida um dia após o pagamento pela compra das quatro varas de pano de algodão de sua mortalha.

34 CHERNOVIZ, op. cit., v. 2, p. 804.

35 MOREIRA, Nicoláo Joaquim. **Diccionario de plantas medicinaes brasileiras**. Rio de Janeiro: Typ. do Correio Mercantil, 1862. p. 10.

André Congo, 40 anos, foi o único escravo sobre o qual não foi lançado qualquer valor. Provavelmente, porque havia contraído morfeia. A *Conta* traz poucas informações sobre o seu tratamento. Registra apenas que recebeu seis porções de carne e consumiu quatro galinhas de março a julho de 1796.

Antônio Banguela era, como se dizia, um “negro fujão”. Aos 50 anos, foi avaliado em 45 mil réis. Adoeceu entre os meses de março e maio de 1796. Seguindo o padrão geral de tratamento, recebeu várias porções de carne e duas galinhas. Podemos supor que se recuperou do mal que o atingira. Anos depois, em fevereiro de 1799, pagou-se “ao carcereiro de Vila Rica carceragem de Antônio Benguela”.

Antônio Catito Angola era um homem feito de 30 anos; por essa razão foi avaliado em 110 mil réis, o terceiro maior valor da lista de 1795. Era certamente um dos escravos a desempenhar as tarefas mais pesadas na mina. Em agosto e setembro de 1799 recebeu duas porções de carne para recobrar a saúde, mas faleceu com apenas 34 anos no mês seguinte.

Bartolomeu Mina, avaliado em 25 mil réis, tinha 60 anos em 1795 – idade avançada para um homem ocupado nos serviços de mineração. Os registros apontam que tinha a saúde debilitada, afinal adoeceu ao menos oito vezes (1799, 1800, 1802, 1805, 1806, 1808, 1811, 1812). Por outro lado, isso indica também sua grande capacidade de recuperação e retorno ao trabalho. Seu tratamento incluiu carne, galinha, farinha, mel de pau, sal e óleo de copaíba três vezes. Recebeu também uma esteira para ficar melhor acomodado durante a convalescença. O ano de 1812 foi o mais crítico de sua vida. Recebeu a partir de 27 de fevereiro, quase diariamente, muitas porções de carne, farinha e galinhas. Entre 25 de março e 10 de julho provavelmente recobrou a saúde, pois não há nenhuma entrada de itens para ele. Do dia 11 de julho em diante recebeu várias porções de carne e farinha até a última dose de mel de pau ministrada no dia 25 de agosto. Pagaram as “4 varas de algodão” de sua mortalha no dia 20 de setembro. Sucumbiu, portanto, entre agosto e setembro de 1812, aos 77 anos.

Benedito Angola era um jovem de apenas 22 anos de idade em 1795. Está entre aqueles que receberam a segunda maior avaliação entre os escravos do plantel da mina, 120 mil réis. Assim como os outros em sua faixa etária, era mão de obra essencial nos serviços de mineração. No dia 15 de novembro de 1795 recebeu bumbaxas para trabalhar, pois trata-se de peça básica do vestuário dos negros mineiros. Assim como Bartolomeu Mina, ele também adoeceu e recobrou a saúde várias vezes entre 1800 e 1815. Seu tratamento também não fugiu ao “padrão”, pois predominou o fornecimento de carne, galinha e farinha, aos quais se acrescentou apenas uma vez “ovos para desertivos”, aguardente, sal, óleo de copaíba e leite para gargarejo. Benedito mereceu sete visitas do médico para cuidar de sua saúde, surtindo o efeito esperado, pois no dia 18 de abril de 1807 foi registrado pagamento “ao médico da cura de Benedito”. Mas, ele caiu novamente

enfermo alguns dias depois. O médico recomendou então o uso da funda ainda no ano de 1807, que foi paga no dia 27 de junho. Dois anos depois há outro pagamento pelo feitiço de uma funda para Benedito e também de “pó de as cobrir”. A compra de “vários remédios para Benedito doente” aparece somente no dia 10 de junho de 1815.

Na lista de 1819 há um escravo de nome Benedito Angola, 48 anos, avaliado em 120 mil réis e não consta anotação que apresentasse qualquer enfermidade. Se Benedito tinha 22 anos em 1795 deveria ter 46 anos em 1819 e não 48. Essa pequena diferença de dois anos não deve ser considerada um fator de exclusão ao tratar-se da mesma pessoa, haja vista as frequentes imprecisões existentes na datação das idades dos cativos. Sua avaliação permaneceu a mesma 24 anos depois.

Bento Mina era outro escravo idoso de pouco valor, apenas 40 mil réis. Apesar disso, a aquisição de um jaleco para ele em novembro de 1795 é indício que ainda trabalhava na mina, pois trata-se de outra peça de vestuário dos escravos-mineiros. Adoeceu em 1805 e se recuperou; entretanto, em 1806, a morte veio de forma veloz, pois recebeu uma galinha no dia 12 de maio e, no dia seguinte, os administradores já pagavam pela mortalha que o envolveu. Foi o único que teve duas velas iluminando o seu enterro, de acordo com o registro feito no dia 14 do mesmo mês: “2 velas para o enterro de Bento Mina.”

Caetano Angola era outro escravo maduro que pertencia à mina. Aos 30 anos foi avaliado em 110 mil réis. Seu histórico de saúde foi marcado por três breves enfermidades, logo superadas recebendo emplasto e ingerindo carne. Todavia, em 1804, passou por longo período de tratamento entre 17 de março e 20 de dezembro, com intervalo de recuperação da saúde nos meses de agosto e setembro. Novamente o padrão de tratamento dos enfermos adotado pelos administradores da mina se verifica: repetidas porções de carne, farinha e galinhas foram-lhe ministradas. Os itens diferenciados que recebeu estão diretamente relacionados à doença que o afligia e que, entretanto, o documento não deixa evidente. No seu caso, destaca-se o largo consumo de leite. Há duas entradas onde lemos: “leites para Caetano em 27 dias” em 14 de julho de 1804 e “20 dias [de] leites a Caetano” em 30 de outubro do mesmo ano. Tudo indica que o tratamento foi bem-sucedido, pois novo cuidado com sua saúde surgiu apenas no dia 18 de maio de 1812, onde se lê: “carne para Caetano doente”. Não há mais registros depois dessa data.

Na lista de 1819 há um escravo de nome Caetano Angola, 60 anos, avaliado em 100 mil réis e que não manifestava qualquer enfermidade. A análise da idade de Caetano Angola obedece ao mesmo critério adotado acima (devia ter 54 e não 60 anos). Portanto, é provável que se trate do mesmo homem. Sua avaliação foi depreciada em apenas 20 mil réis face ao que valia em 1795, provavelmente devido ao seu envelhecimento.

Christovão Angola tinha 35 anos e foi avaliado em 95 mil réis. Vale ressaltar que sendo apenas cinco anos mais velho que Caetano Angola, o seu valor foi reduzido em 15 mil réis. Em novembro de 1795 trabalhava normalmente na mina trajando seu jaleco. Entre 1797 e

1812 adoeceu por oito vezes em intervalos curtos e longos de tratamento. Foi o único a ser submetido a uma sangria em 20 de outubro de 1800. O restante de seu tratamento é singularizado pela ingestão de aguardente e vinagre – três vezes ambas; vinho, pão, feijão, açúcar e sal. Durante quase 30 dias em que esteve enfermo, entre 22 de fevereiro e 25 de março de 1812, recebeu apenas carne (20 vezes) e farinha (6 vezes: que podia ser de $\frac{1}{4}$ ou de $\frac{1}{2}$ alqueire) como forma de tratamento. A partir dessa última data não há mais entradas referentes a Christovão.

Na lista de 1819 foi arrolado um escravo por nome de Christovão Angola. Tinha então 52 anos e sofria de “erezipela nas duas pernas” – condição que explica a redução de sua avaliação em 35 mil réis. Se novamente for desconsiderada a diferença de idade encontrada (deveria ter 59 anos em 1819 e não 52), é provável que seja o mesmo cativo da lista de 1795 e que os itens listados acima foram usados para tratar sua enfermidade.

No que tange aos tratamentos recomendados para o tratamento contra a erisipela no século XVIII, o cirurgião Luís Gomes Ferreira, que atuou em Minas Gerais, não indicou a sangria para tal finalidade. Ele preferia receitar o uso de pano molhado com aguardente ou então fazer o mesmo procedimento com um preparo composto de tanchagem, malva e sassafrás.³⁶ Por outro lado, o cirurgião José Antônio Mendes acreditava que era útil sangrar o paciente no início caso manifestasse “febre grande, e muitos rigores de frio”. Mas, não deixava de recomendar também colocar um pano sobre o local embebido em água com aguardente, alcanfor e triaga magna.³⁷

Domingos Mina e Francisco Mendes Angola, ambos com 70 anos, são os dois escravos mais idosos da lista de 1795. O primeiro foi avaliado em 10 mil réis e o segundo em 15 mil réis. A enfermidade ou sinistro que tocou o cansado corpo de Domingos foi rápida e fulminante, dando-lhe tempo para ingerir apenas duas galinhas como tentativa de recobrar a saúde entre 29 de maio e 2 de junho de 1798. No dia seguinte já aparece o pagamento pelas quatro varas de algodão de sua mortalha. Por outro lado, não há nenhum registro explicitamente em nome de Francisco Mendes Angola. No dia 8 de novembro de 1795 foi adquirido um jaleco para certo “Francisco Angola” que pode ou não ser ele.

Entre os anos 1801 e 1813 existem muitas entradas de itens usados no tratamento de certo “Francisco”. Haja vista que há o Francisco Banguela de 32 anos na lista de 1795, tornou-se incerto definir a qual dos dois foram destinados, embora seja mais razoável que fossem para o mais jovem. Entretanto, é provável que o Francisco Mendes ainda estivesse vivo em 1801 para receber carne e farinha; por outro lado, à medida que os anos avançavam, essa hipótese foi perdendo força, pois é pouco provável que Francisco Mendes estivesse vivo em 1813 com 88 anos. Por essa razão, não foram aqui considerados. Ademais, não há nada de excepcional no tratamento dispensado ao “Francisco”, exceto a

36 FERREIRA, op. cit., v. 1, p. 226 e 331.

37 MENDES, op. cit., p. 72 e 73.

ingestão de vinho e por ter recebido a visita do médico. Como tratamento, ofereceram-lhe apenas os itens do padrão suplementar de dieta: carne, galinha e farinha.

Sobre Elias Mina pesava o rótulo de “calhabola”; ou seja, um escravo que outrora fugiu, refugiou-se num quilombo, foi capturado e reintroduzido no plantel pertencente à Mina da Passagem. Essa característica, associada ao fato de ter 60 anos, contribuiu para ser avaliado em apenas 25 mil réis. Sabe-se com certeza que no dia 30 de setembro de 1795 já estava na mina, pois foi adquirida uma galinha para a recuperação de sua saúde. Durante os três períodos em que esteve enfermo, foi tratado com o já conhecido padrão: carne, galinha e farinha. No último período em que ficou doente (março a maio de 1803) esse tratamento se mostrou insuficiente, pois as cinco varas de algodão de sua mortalha foram quitadas no dia 29 de maio de 1803. O pagamento por seu enterro ocorreu somente três meses depois, no dia 21 de agosto do mesmo ano.

O jovem Jacinto Angola de 25 anos foi bem avaliado em 120 mil réis. Em novembro de 1795 recebeu bumbaxas para desempenhar suas funções na mina. Na trajetória de vida e trabalho de Jacinto destaca-se o longo adoecimento ocorrido em 1811 (27 de março a 27 de setembro, totalizando 89 entradas de aquisições de itens destinados ao tratamento de sua saúde). Com exceção do leite e da salsaparrilha, Jacinto foi tratado durante seis meses exclusivamente com farinha e carne. Não recebeu nenhuma galinha para se fortalecer. Por outro lado, quando caiu novamente enfermo em 1816, foi necessário a compra de cevada, nitro, “remédios” (sem especificar), vinho, carne e mereceu a visita do cirurgião-mor Caetano. Não há mais registro referente a ele depois do dia 12 de setembro de 1816; é possível supor que tenha se recuperado.

A informação mais relevante sobre João Benguela –de 60 anos, avaliado em 40 mil réis– revelada pela *Conta* foi que ele era um negro capoeira. Assim como vários outros, também recebeu bumbaxas e jalecos para trabalhar e carne quando se mostrou enfermo.

João Mendes Nagô surpreende por sua avaliação em 115 mil réis aos 55 anos. Foi o único escravo com mais de 50 anos a atingir esse patamar. No que tange aos itens que recebeu para o tratamento de sua saúde, além do padrão já conhecido necessitou também de aguardente, “panos para a cura de João Mendes”, “açúcar para remédio do dito”, vinho, sal, feijão, uma funda (com o pó de a cobrir), tártaro emético, salsa (provavelmente salsaparrilha), nas diversas vezes em que adoeceu entre 1802 e 1817. A última entrada de item para o tratamento de sua saúde ocorreu no dia 21 de janeiro de 1817, quando recebeu carne “para o preto João Mendes doente”; aí provavelmente já não trabalhava na mina, pois atingira a idade de 77 anos.

João Rebolo, 30 anos, também era “calhabola”. Apesar disso, foi avaliado em 110 mil réis, pois era um homem maduro. Em outubro de 1795 recebeu um jaleco para trabalhar. Adoeceu em 1804 e 1812. Em nenhuma das duas vezes recebeu carne; apenas galinha, farinha e, principalmente, vinho. No dia 20 de abril de 1812 ocorreu o pagamento de sua mortalha, quando tinha 47 anos.

Joaquim Bamba que tinha 35 anos e valia 110 mil réis quando recebeu o seu jaleco em novembro de 1795. As duas vezes em que ficou enfermo foram suficientes para ceifar sua vida, pois faleceu aos 37 anos. Seu tratamento resumiu-se a carne e galinha. As quatro varas de algodão usadas para o amortilhar foram quitadas no dia 19 de maio de 1797.

O jovem Joaquim Banguela, de 20 anos, foi avaliado em 100 mil réis no ano de 1795. Adoeceu apenas uma vez durante 29 dias. Nesse intervalo recebeu vinho uma vez e carne quatro vezes. Provavelmente recobrou a saúde, pois não há nada mais registrado sobre ele depois do dia 30 de abril de 1796, quando recebeu carne por se achar doente.

Manoel Crioulo tinha 35 anos em 1795. Avaliado em apenas 40 mil réis. Nessa faixa etária somente ele e Vicente Crioulo, com 40 anos, que era aleijado, foram avaliados nesse valor. Algum grave problema que não foi anotado pelos avaliadores foi o responsável por sua morte no ano seguinte. Antes de falecer, foi cuidado apenas com galinha, farinha, carne e vinho. Pagaram pelas “4 varas de aniagem para Manoel Crioulo falecido” no dia 22 de novembro de 1796.

Matheus Angola, de 50 anos, foi avaliado em apenas 12 mil réis. Foi o único homem nessa faixa etária a receber valor tão baixo, embora não haja qualquer observação sobre o seu estado de saúde feito pelos avaliadores em 1795. Sabemos apenas que adoeceu em 1797 quando pagaram, no dia 12 de julho, pela galinha usada em seu tratamento. Nesse mesmo ano ingeriu mais algumas galinhas, carne e duas rapaduras. Quando adoeceu novamente, em 1798, recebeu mais três porções de carne, “1 rapadura para remédio do dito” e “1 libra de manteiga sem sal”. Nada adiantou, pois no dia 24 de março de 1799 foi preciso quitar as “4 varas de algodão para mortalha de Matheus e linhas”.

Paulo Angola, 40 anos, foi avaliado em 100 mil réis no ano de 1795. No caso de Paulo, o álcool volátil foi o único remédio que escapou ao receituário tradicional ministrado aos escravos doentes da mina. Em todas as outras três vezes em que caiu enfermo recebeu carne, galinha, farinha e sal. Os dados fornecidos pela *Conta* não permitem saber o ano em que Paulo fugiu da mina nem as razões que o levaram a tomar essa atitude; por outro lado, é seguro afirmar que ele foi recapturado, provavelmente em 1816, quando os capitães do mato receberam a tomadia no dia 5 de agosto daquele ano pelo ato de “prenderem ao Paulo”.

Os dados fornecidos pela *Conta* indicam que escravos jovens como Rafael Angola, que tinha apenas 25 anos em 1795 e custava 120 mil réis, eram menos suscetíveis de contrair doenças e, quando isso acontecia, logo se recuperavam. Para Rafael, por exemplo, há o registro de apenas três momentos (1803, 1806 e 1807) em que precisou de alimentação suplementar nos quais recebeu apenas carne, quatro vezes no total. O nome de Rafael Angola também aparece na lista de 1819. Consta que tinha 50 anos, avaliado em 80 mil réis e não há nenhuma informação sobre o seu estado de saúde. Em seu caso, a diferença entre a idade esperada (49 anos) e a registrada foi de apenas um ano, reforçando a tese que não se trata de um homônimo.

Sebastião Angola, embora fosse dez anos mais velho que Rafael, valia o mesmo preço que ele, 120 mil réis. Por outro lado, não gozava do mesmo vigor físico. Sebastião adoeceu em sete anos diferentes e por períodos variáveis que não ultrapassaram 30 dias consecutivos. Em julho de 1798 foi adquirido “1 lençol velho para curar as feridas do negro Sebastião”. Entre os dias 1 e 20 novembro desse mesmo ano recebeu rapadura (duas vezes), ovos, carne, vinagre e sete galinhas.

Em 1801 há apenas uma entrada de “aguardente para a cura de Sebastião”. Nos dois anos seguintes recebeu carne (sete vezes) e farinha (duas vezes). Em compensação, em 1805 o seu quadro de saúde sofreu relativa piora: entre janeiro e maio ingeriu quantidade muito maior de carne (treze vezes) e recebeu mais farinha (sete vezes), além de sal, açúcar, vinagre e milho. Tudo indica que o tratamento surtiu o efeito esperado. Somente dois anos depois Sebastião recebeu a visita do médico no dia 15 de julho de 1807. Sabemos que em novembro de 1808 ele já fazia uso da funda, pois foi quando efetuaram o pagamento por sua compra. Entre 11 de fevereiro e 2 de março de 1812 novamente a saúde de Sebastião inspirou cuidados: além de carne (treze vezes) e farinha (três vezes) recebeu também vinagre e “flor de sabugo” conforme a necessidade exigia.

Nesse caso, considerando o tratamento que recebeu e o uso da funda, é possível afirmar com segurança que o Sebastião Angola que consta na lista de 1819 com 50 anos de idade, avaliado em 60 mil réis (metade do que valia em 1795) e que estava “quebrado” é o mesmo da lista de 1795, apesar da pequena diferença de quatro anos; pois, na verdade, deveria ter 54 anos em 1819. Fato que confirma ainda quão seja necessário relativizar as idades lançadas pelos avaliadores do plantel.

Por fim, o escravo Vicente Crioulo, em 1795, aos 40 anos, já estava “aleijado de hum braço” e, por isso, foi avaliado em apenas 40 mil réis. Apesar dessa limitação física, nesse mesmo ano recebeu bumbaxas que, conforme mostramos, é um vestuário de trabalho. Mas, a natureza contábil da *Conta* não fornece qualquer pista das funções que ele poderia ter desempenhado nessa condição. Não há na *Conta* nenhuma entrada de qualquer medicamento ou itens para ele.

Vicente Crioulo foi outro sobrevivente neste percurso de 24 anos. Seu nome também está na lista de 1819. Foi avaliado em 30 mil réis (10 mil abaixo do valor de 1795), aos 60 anos e “com aleijão no braço esquerdo”. Apesar do somatório da idade não coincidir com o esperado, pois deveria ter 64 anos em 1819, acreditamos que trata-se, inequivocamente, do mesmo homem.

Não houve nenhum registro para os seguintes escravos: Anna Angola, os dois Antônio Angolas de 30 anos, João Angola de 25 anos, João Angola de 40 anos, João Banguela, João Crioulo, Manoel Angola de 30 anos, Manoel Angola de 35 anos, Pedro Banguela, Manoel Mina e Mateus Angola – estes últimos estavam fugidos. Nos casos em que não foi possível identificar com precisão a quem se destinava o produto adquirido,

sobretudo nos casos dos homônimos, eles foram desconsiderados. Há, por exemplo, a aquisição de muitos itens para “Manoel ferreiro”; como não é possível saber a qual Manoel se refere, esses dados não foram utilizados.

Quanto às idades, era preciso que a idade do escravo que consta na lista de 1819 fosse o resultado da soma da idade indicada em 1795 acrescida de 24 anos. Como vimos, em nenhum dos casos de nomes reincidentes as idades coincidiram; embora as diferenças tenham sido pequenas para cima ou para baixo. Essas discrepâncias não devem ser consideradas fatores de exclusão ao tratar-se da mesma pessoa, haja vista as imprecisões existentes na datação das idades dos cativos. Por outro lado, é razoável supor que, apesar dos perigos inerentes à atividade extrativa, dos castigos, das doenças, da insuficiência alimentar e quaisquer outras dificuldades vivenciadas pelos cativos no dia a dia, alguns tenham sobrevivido muitos anos a ponto de constarem na lista de 1819.

Outro dado relevante que salta dos registros contábeis é que a carne (sem especificar se bovina ou suína) foi o complemento alimentar ministrado com mais frequência aos escravos convalescentes; superando, inclusive, a galinha – a tradicional “comida de doentes” sempre recomendada por médicos e cirurgiões.

No decorrer desses 21 anos, os escravos enfermos da Mina da Passagem receberam 30 visitas de cirurgiões, 12 de médicos (sendo sete delas ao escravo Benedito) e apenas uma de licenciado. A compra de esteiras para alguns doentes demonstra a preocupação em oferecer maior conforto para eles no momento de recuperação da saúde.

Considerações finais

NA ROMA ANTIGA havia um ditado sobre a condenação ao trabalho forçado nas minas que dizia: “*proxima morti poena metalli coercitio.*” Ou seja, ser condenado ao trabalho na mineração quase equivalia à pena de morte. Séculos depois, as condições de trabalho dos escravos ocupados na mineração em Minas Gerais eram semelhantes às do mundo antigo em suas características essenciais. Os resultados, portanto, não poderiam ser diferentes: altas taxas de enfermidade e de mortalidade.

Cada fonte possui sua riqueza sendo capaz de revelar dados exclusivos inerentes à sua natureza. As duas listas nominativas dos escravos de 1795 e 1819 e a *Conta do Rendimento da Lavra da Passagem* foram capazes de fornecer informações relevantes sobre as trajetórias de vida desses homens. As trajetórias reconstruídas a partir desses documentos embora tenham sido curtas, foram muito significativas e elucidativas sobre muitos fatores associados ao cotidiano dos escravos-mineiros.

No Brasil, foram introduzidos, aproximadamente, 4,8 milhões de escravizados. É impossível reconstruir as trajetórias de vida da maioria absoluta deles. As poucas biografias existentes no Brasil desses homens e mulheres atestam essa verdade. Mesmo em países

onde elas existem maior número, como nos Estados Unidos, são percentualmente pouco expressivas face ao contingente populacional de cativos que então existiram. Por essa razão os historiadores necessitam “garimpar” novas fontes que falem sobre eles.

O debate sobre a “coisificação” dos escravizados no Brasil há muito encontra-se superado na historiografia. Não obstante, o sistema escravista não se resumiu em apenas retirar o “caracol da concha”, era preciso evitar que ele deixasse rastros. Felizmente, nem sempre isso foi possível. Fontes, *a priori*, insuspeitas como a contabilidade da mina foram capazes de retirar algumas histórias individuais e, porque não, coletivas dos escombros do passado.

As centenas de itens adquiridos e os pagamentos efetuados ao longo do período coberto pela *Conta* mostraram quanto o gerenciamento de uma lavra aurífera no século XVIII era tarefa complexa. A compra de alimentos, de peças de vestuário, de ferramentas, de medicamentos e muitos outros itens, além do pagamento a diversos homens que prestavam serviço à mina geravam despesas significativas.

A saúde financeira da lavra dependia da capacidade dos senhores extraírem sobretrabalho, fazendo com que eles se apropriassem do valor gerado pelos escravos acima do montante necessário para sua subsistência básica. Para isso, era preciso garantir a saúde e a operosidade de sua força de trabalho, inclusive recapturando os fugitivos e adquirindo negros novos. O registro diário da movimentação financeira da lavra assinala justamente a necessidade de acompanhar as oscilações entre a receita e as despesas.

Entretanto, a comparação ente as listas de 1795 e a de 1819 mostrou, de maneira irrefutável, a lenta e, às vezes, rápida depreciação da mão de obra escrava da lavra da Passagem. Se o saldo financeiro para o proprietário foi positivo, para os escravos não é possível afirmar o mesmo.

Recebido: 21/07/2023

Aprovado: 23/10/2023